



SERENA VALENTINO

# Ursula

A HISTÓRIA DA BRUXA DA PEQUENA SEREIA

UNIVERSO DOS LIVROS

# Ursula

A HISTÓRIA DA BRUXA DA PEQUENA SEREIA

Universo dos Livros Editora Ltda.

Rua do Bosque, 1589 – Bloco 2 – Conj. 603/606

CEP 01136-001 – Barra Funda – São Paulo/SP

Telefone/Fax: (11) 3392-3336

[www.universodoslivros.com.br](http://www.universodoslivros.com.br)

e-mail: [editor@universodoslivros.com.br](mailto:editor@universodoslivros.com.br)

Siga-nos no Twitter: @univdoslivros

SERENA VALENTINO

# Írsula

A HISTÓRIA DA BRUXA DA PEQUENA SEREIA

São Paulo  
2016

  
UNIVERSO DOS LIVROS

Adapted in part from Disney's *The Little Mermaid*  
Copyright 2016 © Disney Enterprises, Inc.  
Published by Disney Press, an imprint of Disney Book Group.  
All rights reserved.

© 2016 by Universo dos Livros  
Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.  
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora,  
poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios  
empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer  
outros.

Diretor editorial: **Luis Matos**  
Editora-chefe: **Marcia Batista**  
Assistentes editoriais: **Aline Graça e Letícia Nakamura**  
Tradução: **Monique D'Orazio**  
Preparação: **Alexander Barutti**  
Revisão: **Francisco Sória e Plínio Zúnica**  
Arte e adaptação de capa: **Francine C. Silva e Valdinei Gomes**  
Adaptação de capa e de projeto gráfico: **Francine C. Silva**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

V252u Valentino, Serena

Úrsula : a história da bruxa da Pequena Sereia / Serena Valentino ;  
tradução de Monique D'Orazio. – São Paulo : Universo dos Livros, 2016.

176 p.

ISBN 978-85-503-0042-9

Título original: Poor unfortunate souls: a tale of the Sea Witch

1. Literatura infantojuvenil 2. Bruxas 3. Sereias I. Título II. D'Orazio,  
Monique

16-1081

CDD 028.5

---

*Dedicado à minha mãe e ao meu pai, por todo amor e apoio, e à memória da minha encantadora companheira felina de escrita, Pflanze, de quem sinto muitíssima falta.*

— *Serena Valentino*

## PRÓLOGO

Uma névoa cinza-escura seguia Úrsula como tentáculos rastejantes, à medida que ela percorria seu caminho pela cidade aparentemente abandonada de Ipswich. A risada de Úrsula ecoava pelos chalés de tábuas; dentro deles, os habitantes miseráveis se amontoavam, apavorados por causa da deusa vingativa do mar que havia descido sobre eles como um pesadelo.

Ela havia assumido a forma humana para a viagem e usava a magia para controlar as névoas, criando longos tentáculos ameaçadores que se contorciam e trilhavam caminhos atrás dela, arruinando tudo o que tocavam. Úrsula deixava para trás um rastro de destruição, negro como petróleo, e que tudo apodrecia.

Andava em direção à praça principal e parou embaixo da torre do relógio. Seus tentáculos atacaram o pilar e o transformaram em um enorme obelisco negro que poderia ter fins mais sinistros do que marcar o tempo.

Ódio.

Sua magia estava carregada de ódio. Nele havia uma tristeza profunda e penetrante. Aqueles humanos tinham tirado dela a única pessoa que ela amava e, por isso, Úrsula iria fazê-los sofrer. Lançou os tentáculos fantasmagóricos ao mar e invocou seus servos sombrios.

*Ninfas.*

Estas eram uma mistura horrorosa de humanos e criaturas marinhas, como se fossem algo extraído da mente mais perturbada e imaginativa. Seres pálidos e assombrosos com poços fumegantes escuros no lugar dos olhos emergiram do mar. Bocas largas e sorridentes rangiam com intermináveis fileiras de dentes amarelos e afiados. A pele era como leite ralo e translúcido, e através dela era possível ver as veias de um azul profundo e os endoesqueletos grotescos.

Embora a canção dessas criaturas fizesse os humanos tremerem e seus ouvidos sangrarem, para Úrsula o som era lindo. Ela achava encantador,

inebriante e irresistivelmente belo. A melodia perturbadora compelia aqueles humanos vis a saírem de suas habitações de tábua, atraídos pelo canto das ninfas e enfeitiçados pelo seu chamado.

*Como são fracos*, pensou Úrsula. Ela sorriu ao ver os olhares vidrados nos rostos infelizes e riu da desgraça iminente que recairia sobre eles. As pessoas seguiam em frente, cegas para a própria destruição, impotentes para detê-la e impotentes para salvar as próprias vidas, com o sangue escorrendo de suas orelhas e se derramando da boca; eles estavam se sufocando com ele, cuspidos, incapazes de gritar diante dos horrores que os cercavam. Úrsula achava tudo aquilo a coisa mais linda e emocionante que já tinha visto.

Se a bruxa do mar tivesse deixado o coro das ninfas continuar, teria provocado a morte dos humanos; porém, deixá-los morrer era muito fácil, não era? Ela queria ver seu medo, queria vê-los sofrer. Queria que eles se tornassem aquilo que mais temiam e odiavam.

Ela queria que eles mostrassem o quanto eram repugnantes.

Conforme seu ódio penetrava Ipswich, cada vez mais ela era cercada por terras destruídas, até onde a vista alcançava. Ela se erguia na paisagem, como um ícone brilhante de beleza onde só havia ruína, com rosto pálido de raiva e os olhos tristes, mas que transbordavam vingança. Seu coração estava cheio de ódio.

*Ódio divino.*

Era isso que era.

Divino.

Ela sentia-se verdadeiramente viva pela primeira vez. Não sentia pena daquelas pessoas enquanto as observava sangrar; não havia hesitação, e não havia tempo para súplicas ou choro. Os humanos tinham sido silenciados pelo canto das ninfas. Estavam todos diante dela, doentios e asquerosos, observando em silêncio, horrorizados, enquanto Úrsula os conduzia à destruição.

*– O poder dos deuses antigos eu quero invocar, os Profundos, para levar esses humanos ao fundo do mar!*

Com esse feitiço, os humanos caíram no chão convulsionando, sentindo falta de ar. Eles se entreolhavam, ofegantes, ao ver a transformação de seus conterrâneos em criaturas marinhas horríveis. Agora estavam condenados a

ser eternamente servos de Úrsula, a fazer o que ela mandasse. Para sempre inumanos. Para sempre monstruosos e vis.

A risada de Úrsula foi crescendo de suas entranhas e ressoou por toda a terra, alcançando os ouvidos de todas as bruxas em muitos reinos. Provocava arrepios até mesmo na mais poderosa entre elas – da luz e das trevas –, porque sentiam o peso do que estava acontecendo. Elas conheciam o poder da magia carregada de ódio e sabiam a destruição que ela poderia trazer. As névoas cinza-escuras se curvaram ao redor de Úrsula enquanto ela observava os humanos aterrorizados lutarem contra suas transformações. Os gritos silenciosos deixavam a cena ainda mais bonita para ela.

– Não lutem contra isso, meus queridos! – Ela riu. – Ou talvez vocês devessem! Dói mais se lutarem!

Estava sendo muito mais gratificante do que ela tinha imaginado. Eram esplêndidos, esse ódio, essa destruição absoluta.

Eram gloriosos.

A risada de Úrsula trovejou enquanto ela adentrava as ondas que invadiam a costa e encorajava todas as suas novas criaturas a embarcarem numa jornada a lugares que lhes eram desconhecidos, lugares sombrios dos quais tinham medo demais até mesmo para contemplar. Lugares que só tinham visitado nos pesadelos ou em devaneios nervosos e febris.

As criaturas agora pertenciam a ela – servos – e Úrsula iria usá-las para sua vontade e tormento delas. Assim que as ondas tocaram seus pés humanos, aos poucos ela foi se transformando. Parecia que a criatura no seu interior não tinha outra escolha a não ser se libertar da carne humana, desesperada para ser vista e morrendo de vontade de estar nas ondas.

Estava ganhando proporções de um enorme leviatã, elevando-se sobre seus servos aterrorizados. Gargalhava da situação de apuro que eles enfrentavam.

Então, inesperadamente, uma figura emergiu da água, como o *Holandês voador* alcançando a superfície.

– Pare com essa loucura agora mesmo! – A voz era mais alta do que o quebrar das ondas.

Se por um lado Úrsula não parecia nada além de escuridão, ele era como um raio de luz. Era lindo – lindo demais – e parecia ser bom demais. Aqueles eram traços que ela encontrava com muita frequência em homens

nobres naquelas terras. Ela não tinha ideia de quem poderia ser aquele deus menor, mas já sabia que não gostava dele.

– Quem é você para me dar ordens? – perguntou ela, virando a cabeça para a direita a fim de conseguir ver melhor do que se tratava aquela piada dos deuses.

– Você não invocou os deuses antigos? Eu atendi ao chamado.

– Eu pedi ajuda, não interferência!

– Olhe à sua volta! Olhe o que você fez para esta terra! Tudo foi chamuscado pelo seu ódio. Está tão arruinado como as terras da antiga rainha. Não siga o caminho dela, irmãzinha. Venha comigo para casa, onde é o seu lugar.

Perplexa, Úrsula ficou em silêncio.

– Ouça-me, irmã. Está vendo o colar que você está usando? Foi um presente do nosso pai. Pensamos que tínhamos perdido você para sempre. Eu esperava que um dia você chegasse a conhecer o seu poder e fosse me invocar, mas não esperava encontrar isso. – O rosto dele se contorcia com repulsa ao inspecionar a destruição que Úrsula havia provocado.

– Você não sabe nada sobre a minha vida! Eu fui abandonada aqui sozinha com esses humanos que tinham medo de mim e me odiavam. Você não tem ideia do que eu sofri!

– Úrsula, você não se lembra mesmo de mim? Sou seu irmão, Tritão.

Úrsula olhou para Tritão, furiosa e confusa. Incapaz de localizá-lo nas memórias.

– Sinto muito, Úrsula. É hora de eu levar você para casa.

## CAPÍTULO I

### A BRUXA DO MAR

Fazia muitos anos que Úrsula não via suas queridas amigas, as bruxas irmãs. Não lhes fazia uma visita desde que fora exilada da corte de Tritão. Havia muita conversa para pôr em dia. No caminho, viu uma luz dançar e ondular através da água e soube que estava finalmente alcançando a superfície. Quase podia distinguir a imagem sombria das três irmãs, que estavam na praia, à espera de sua chegada.

*Já faz um tempão*, ela pensou, e decidiu que poderia muito bem fazer uma entrada grandiosa, com um grande espetáculo. Sentiu-se crescer, os tentáculos se alongando, fazendo-a se sentir como a força dominante dos mares que ela era.

*Não sinto esse poder dentro de mim há séculos.*

Havia afundado navios gigantescos nessa forma, os transformado em pedaços e lançado seus restos nas profundezas do seu reino sombrio e agourento. Úrsula viu espanto nos olhos saltados das irmãs esquisitas quando se levantou das águas e atingiu uma altura imponente. As três bruxas irmãs – Lucinda, Ruby e Martha – pareciam pequenas sobre as rochas pretas molhadas, tremendo de frio.

Úrsula considerava as irmãs donas de uma beleza grotesca, com seus olhos grandes demais e a boca muito pequena. Os rostos pálidos e assombrados eram emoldurados, de forma perfeita demais, por cachos negros como corvos, mesmo com as névoas agarradas aos cabelos de penas, fazendo-as parecer aves que não voam, assustadas e encharcadas.

Alguém que visse o estado pavoroso em que se encontravam, refletia Úrsula, não imaginaria que aquelas bruxas eram lendárias. Eram primas do velho rei, o pai da rainha chamada Branca de Neve. E eram grandes

benfeitoras da Fada das Trevas e sua princesa adormecida. Embora nunca fosse admitir em voz alta, ela devia o poder recém-recuperado às irmãs esquisitas. Elas haviam devolvido seu colar. Se bem que, Úrsula considerava, era uma troca justa por algo que sua irmã caçula queria desesperadamente.

Lucinda teve um sobressalto quando o corpo de Úrsula respingou água no rosto das bruxas assustadas. Seus tímpanos por pouco não estouraram com a gargalhada estrondosa e com o vozeirão de Úrsula.

– Estou muito feliz em vê-las, irmãs. Já faz tempo demais.

A bruxa do mar se curvou para ficar ao nível dos olhos das irmãs esquisitas. Eram realmente deslumbrantes, pensou ela.

*Só que é beleza demais sem as proporções certas.*

Os braços de Úrsula estavam estendidos, prontos para abraçá-las. As irmãs deram uma corridinha cautelosa, como se fossem uma só, para o abraço de Úrsula, o que lhes aliviou as preocupações e as fez relaxar, afinal, Úrsula não estava zangada com elas.

– Vejo que você está usando o nosso presente – disseram as irmãs, em uníssono, ao avistarem o colar de concha dourada ao redor do pescoço da bruxa do mar. Estavam todas preocupadas que Úrsula fosse ficar furiosa se algum dia soubesse que o colar andara jogado na despensa, semiesquecido durante todo aquele tempo.

Úrsula deu risada, dessa vez ao ouvir o som esganiçado da voz das irmãs, e pelo estado das penas murchas e caídas em seu cabelo escuro como breu.

– Obrigada, minhas queridas amigas. Em algum momento vocês vão ter que me contar como foi que conseguiram isso de volta com o meu irmão. Ou foi Circe? Eu não perguntei quando ela me trouxe. E onde está Circe? Estou surpresa de que ela não esteja com vocês.

*Circe.*

A menção desse nome era como facas sendo mergulhadas no coração das irmãs esquisitas. Circe provocara grande tristeza nas irmãs, razão pela qual Lucinda tinha recorrido à Úrsula em busca de ajuda. Era por essa razão que as irmãs esquisitas choravam sem parar, chamando em vão o seu nome na escuridão, esperando que ela finalmente ouvisse suas súplicas por perdão e retornasse. Circe não atendeu ao chamado das irmãs, e assim elas convocaram a bruxa do mar para pedir ajuda. Claro, Úrsula iria querer algo em troca. Ela sempre queria.

Ela fazia acordos.

Lucinda falou primeiro:

– Circe, nossa amada, foi para muito longe de nós... – Seu vestido de cetim, de um tom profundo de vermelho, estava manchado de lágrimas e, assim como as irmãs, seus olhos estavam borrados com a maquiagem preta de carvão que havia escorrido pelas faces, devido às longas horas de pranto.

– Ela está tão brava com a gente! Circe se aventurou por lugares nos quais nossa magia não pode segui-la – continuou Ruby.

Os soluços de Martha eram quase violentos demais para que ela conseguisse falar.

– Foi por isso que viemos até você, Úrsula. Queremos ver nossa irmã caçula de novo.

Úrsula fez a pergunta óbvia:

– Vocês já tentaram invocá-la, queridas? Em um de seus muitos espelhos encantados?

As irmãs começaram a chorar novamente.

– Quando foi embora, ela deve ter feito um feitiço que nos impede de invocá-la!

Úrsula abriu um de seus sorrisos magníficos, que lentamente se transformou em algo um pouco mais mundano, à medida que ela usava magia para assumir a forma humana e pegar a soluçante Martha em seus braços. Ela sabia que as irmãs dariam qualquer coisa para ver Circe novamente e, por mais que quisesse ajudá-las – e *claro* que ela ficaria feliz em ajudá-las –, *simplesmente calhou* de precisar do tipo especial de magia que as irmãs esquisitas tinham a oferecer, em troca de seu favor.

## CAPÍTULO II

### AS BRUXAS NO PENHASCO

Amansão vitoriana verde-escura com beirais dourados e persianas pretas se empoleirava de forma precária sobre os penhascos rochosos. O telhado, em forma de chapéu de bruxa, estava obscurecido pela névoa e rodeado por corvos grasnando..

– A Fada das Trevas vai se juntar a nós? – perguntou Úrsula, enquanto as quatro bruxas seguiam caminho para a casa das irmãs esquisitas.

– Não! Não! Água e fogo não se misturam! – disse Lucinda, ao mesmo tempo que Úrsula dava risada. Úrsula se perguntava por que as bruxas irmãs temiam tanto uma convergência entre ela e a Fada das Trevas.

– Não temos medo de nada, Úrsula, mas vemos e ouvimos tudo – disse Lucinda, casualmente lançando um olhar de soslaio enquanto subiam a escada torta, que rangia a cada passo.

Úrsula refletiu sobre os muitos locais onde tinha encontrado a casa, nas ocasiões em que a visitou. Perguntou-se se a construção ganhava pés de galinha e se movia por conta própria ou se as irmãs apenas a faziam aparecer onde bem entendessem. Com certeza a casa mudava de lugar por meios mágicos, mas ela adorava imaginar a casa com telhado de chapéu de bruxa se movendo sobre pés de galinha gigantes, com as irmãs viajando dentro dela e gargalhando o caminho inteiro. O pensamento a fez rir enquanto entravam na casinha para a qual ela, tantas vezes, havia sido convidada. A localização podia ter mudado muitas vezes, mas a casa permanecia a mesma, com sua cozinha pequena e singular.

O sol brilhava através de uma grande janela redonda na parede principal, que dava vista para a antiga macieira da rainha e para as ondas que quebravam nas rochas. As prateleiras eram cheias de belas xícaras de chá

com estampas diferentes, como se reunidas a partir de vários conjuntos distintos. Úrsula não ficaria surpresa se as irmãs simplesmente enfiassem as xícaras de que gostavam na bolsa, discretamente. Será que cada uma tinha uma história própria? A história de seu proprietário e do encontro com as temidas três irmãs.

Qual daquelas xícaras, Úrsula se perguntava, pertencera à velha rainha, ou às horrendas irmãs Anastácia e Drizella? E qual pertencera à Malévola?

Logo ao lado da cozinha ficava o cômodo principal com uma grande lareira. A cornija era imponente e ladeada por dois corvos enormes que fitavam o nada com um olhar de aço. A sala tinha uma luz estranha e misteriosa, colorida pelos vitrais da janela, onde se viam as várias aventuras das bruxas. Uma das janelas tinha uma simples maçã vermelha. Era solitária e triste, pensou Úrsula, mas talvez fosse porque tinha ouvido as irmãs contarem a história da velha rainha, muitos anos atrás.

Quantas histórias tinha ouvido sentada perto daquela lareira quando se dignava a tomar a forma humana? Dessa forma humana – dessa criatura, pensou ela –, não gostava de jeito nenhum. Sentia-se pequena e fraca quando se escondia naquela casca humana. A voz também soava diferente, não era tão estrondosa ou imponente. Não havia poder nela.

Não havia majestade.

Ela não conseguia entender como os humanos haviam sobrevivido durante tanto tempo naqueles sacos fracos de carne, sempre com dor, sempre andando ou sentados em cadeiras duras. Era horrível esse absurdo humano.

Pelo menos tinha Lucinda, Ruby, Martha e sua gata charmosa, Pflanze, para distraí-la das dores de ser humana. Pflanze, a gata tricolor das irmãs, lentamente piscou os olhos dourados de contornos pretos para cumprimentar as bruxas.

– Olá, Pflanze – disse Úrsula, sorrindo. A gata mexeu as patinhas e piscou de novo, dando boas-vindas à Úrsula em sua casa. Pflanze conseguia enxergar além da forma humana da bruxa do mar e percebia a criatura que ela era na realidade. E achava que a criatura era ainda mais bonita do que a forma que ela havia assumido para que pudesse caminhar entre os humanos.

Ah, era bonito o suficiente, seu disfarce humano. De grandes olhos escuros e cabelos castanho-escuros fartos, que emolduravam seu rosto em forma de coração. Qualquer um a acharia bonita, mas Pflanze amava a

verdadeira aparência da bruxa do mar, e era fácil ver que a bruxa também a preferia.

Pflanze observava suas bruxas atarefadas na cozinha preparando o chá para Úrsula, que estava com os pés apoiados em um banquinho almofadado trazido a ela por Ruby. As bruxas de Pflanze estavam muito diferentes desde que sua irmã Circe partira, e Pflanze sentia-se cada vez mais preocupada que elas acabassem definhando de tanta preocupação. Porém, o que mais a perturbava era como as irmãs tinham se tornado silenciosas. Ela estava acostumada às divagações insanas e à tagarelice compulsiva. Só que agora o silêncio na casa era quase insuportável sem a irmã Circe para ser bajulada. Agora, as irmãs apenas ficavam sentadas se lamentando, sem inspiração até mesmo para provocar seu alvoroço habitual. E, quando falavam, era com tanta coerência quanto possível, numa tentativa de deixar a irmã Circe feliz quando ela, enfim, voltasse para casa. Se as irmãs tinham coração dentro de suas cascas ocas e cheias de ódio, Pflanze presumia que ele tinha se partido no dia em que a irmã caçula fora embora com ódio nos olhos, raiva nas palavras e uma profunda tristeza no coração.

Circe não era como as irmãs, ponderava Pflanze. Ela amava. E Circe sentia que Lucinda, Ruby e Martha finalmente tinham ido longe demais com a magia, por terem feito sofrer alguém por quem Circe um dia tivera imenso carinho. Pflanze não culpava as irmãs pelo que haviam feito ao príncipe, a maldição que tinham ajudado a lançar sobre ele, nem pelas tormentas que haviam chovido sobre a cabeça dele. As irmãs quase o tinham deixado louco, e com razão. Ele havia partido o coração de Circe e a tratado muito mal.

Tudo o que fizeram, toda a intromissão e as maquinações, foram por sua irmã mais nova. No entanto, Circe ficou terrivelmente zangada pela participação que elas tiveram no feitiço, que tinha feito o príncipe se afundar ainda mais em seus modos gananciosos e nocivos, quase destruindo reinos nesse processo.

Não, Circe não podia perdoar as irmãs, e Pflanze tinha quase certeza de que ela nunca mais falaria com elas, como uma forma de punição. A bela felina esperava que a visita de Úrsula inspirasse um pouquinho de maldade e tirasse suas senhoras da depressão profunda de que vinham sofrendo.

Mas as reflexões de Pflanze foram destruídas por gritos que fizeram Martha derrubar o bule de vidro, partindo-o em caquinhos no chão

quadriculado preto e branco da cozinha. Ruby estava chorando. O vidro reluzia como diamantes, era deslumbrante aos olhos de Úrsula. Logo o choro de Ruby era tão forte que ela se viu nos braços da bruxa do mar, quando esta tentou acalmá-la do seu frenesi teatral.

– Pflanze acha que Circe nunca mais vai falar com a gente de novo! – Todas as irmãs estavam gritando e chorando, retorcendo as mãos e rasgando os vestidos. Martha começou a puxar os cabelos, e Lucinda estava arrancando as penas dos seus e jogando-as pelo cômodo como uma louca.

– Meninas, parem! – ribombou a voz de Úrsula, e as irmãs viram, por trás do corpo humano elegante no qual ela se escondia, a sombra da sua verdadeira forma dominando a cozinha. – Silêncio! – ordenou ela.

As irmãs fizeram silêncio.

– Vocês *verão* sua irmã novamente, eu prometo, mas, antes disso, há uma coisa que vou precisar de vocês.

## CAPÍTULO III

### BRUXAS EM IPSWICH

As bruxas estavam em pé sobre as falésias rochosas, olhando para a pequena cidade costeira de Ipswich lá embaixo. Mal dava para distinguir os chalezinhos desgastados pelo tempo, debaixo da espessa camada de fuligem. Era possível sentir o ódio emanando daquele lugar, a dor e o sofrimento que não só tinham sido provocados como também imbuíam a magia que causava aquele pesadelo.

As irmãs não estavam apenas intrigadas; estavam impressionadas.

Como todas as bruxas naquela terra, elas sentiram o tremor de energia quando Úrsula provocou tamanha destruição, tantos anos antes. O lugar era como um monumento à morte, um lembrete para não contrariar a bruxa do mar. Para as irmãs, isso era lindo.

Nem mesmo o irmão de Úrsula conseguiu purificar aquela terra. Por mais pura que fosse sua magia, não podia penetrar o ódio de Úrsula. Nem mesmo a raiva da velha rainha tinha causado tanta destruição. Ah, ela também já tinha arruinado as terras, mas deixou em pé uma única árvore com uma única maçã vermelha brilhante: um símbolo do minúsculo fragmento de esperança e, de fato, do amor que permanecia dentro do coração sombrio e solitário da Rainha Má.

Tal fora o erro da velha rainha, as irmãs pensaram: o seu amor. Ela nunca realmente se entregou à tristeza e à raiva. Nunca encheu por completo seu coração de ódio.

Ah, mas a Fera, ele estivera perto, não? Muito perto, elas pensavam. Ele possuía um ódio dentro de si que às vezes assustava até mesmo as irmãs. Se não fosse por Circe e Bela, ele teria morrido de ódio e ganância.

Úrsula, por outro lado... era algo totalmente diferente – uma criatura notável, uma bruxa magnífica, sem nenhuma daquelas falhas humanas. Seu ódio era justo e puro, não era contaminado pela dúvida nem pelo peso na consciência. Não havia muitas bruxas como Úrsula, e as irmãs esquisitas ficavam felizes por chamá-la de amiga. Mas por que as havia levado àquele lugar?

O que aquele lugar significava para elas?

Diferente das irmãs esquisitas, Úrsula não bisbilhotava os pensamentos dos outros. As irmãs, por vezes, esqueciam-se disso e depois se lembravam de que precisavam usar a voz se quisessem respostas às suas perguntas.

– Por que esta cidade?

– Sim, por quê? Há muitas cidades como esta.

– Cidades repletas de pescadores assassinos.

– Por que se vingar desta aqui?

Úrsula deu uma risada gutural diante da simplicidade de raciocínio das bruxas. Ela não havia travado guerra contra a cidade humana porque os habitantes tinham ofendido o mar. Era muito mais pessoal.

– Esta cidade foi o meu lar, queridas irmãs. Foi onde tudo começou, e eu quero contar a minha história. – Úrsula parou por um instante, perdida em pensamentos, e então continuou: – Estamos aqui porque quero que vocês me ajudem a matar Tritão.

As bruxas estremeceram. A magia alimentada pelo ódio era muito poderosa, de fato. E, se Úrsula estava disposta a reunir todo o ódio delas, pois essa era a impressão das irmãs, então havia uma chance de que pudessem destruir Tritão. Mesmo assim, as irmãs precisavam de um motivo. Precisavam se envolver. Precisavam ouvir a história.

O ódio – o ódio verdadeiro – não era apenas evocado; ele nascia. Tinha que vir de dentro para que pudesse se tornar uma entidade própria, deslizar para dentro dos corações de seus inimigos e assim sufocá-los. Se fosse uma causa digna de verdade, se o ódio delas pudesse ser aproveitado, não havia nada que as bruxas não conseguissem destruir. Então as irmãs pensaram nela.

Na sua Circe.

O coração dela estava cheio de ódio, provavelmente pela primeira vez. Ela nutria ódio pelas irmãs e por sua intromissão nefasta nos assuntos daquela maldita Fera! A magia de Circe poderia protegê-la das irmãs mais

velhas por uma eternidade, se assim ela escolhesse. No mesmo instante, esse pensamento disparou um arrepio na espinha das irmãs esquisitas. Nunca mais ver sua irmã caçula seria o pior dos castigos, a situação mais horrível que elas poderiam imaginar. As bruxas ficariam felizes em arriscar suas vidas para destruir o deus do mar, Tritão, se isso significasse que elas poderiam ver Circe outra vez.

Destruiriam tudo. E, por um prêmio como esse, elas sabiam que não seria muito difícil reunir seu ódio.

## CAPÍTULO IV

### A BONEQUINHA DO MAR

Escondida na mansão, Pflanze e suas bruxas se preparavam para a história de Úrsula. As irmãs colocaram Úrsula no lugar mais confortável, ao lado da lareira, numa linda poltrona de veludo cor de lavanda, com muitas almofadas vermelhas de retalhos empilhadas, para que pudesse descansar sobre elas os pés fatigados. Úrsula não estava acostumada a andar sobre duas pernas em terra firme, por isso era muito cansativo.

Ao lado da poltrona estava uma mesinha redonda com um conjunto de xícaras de chá com estampas de rosas. O vapor girava e se curvava para fora da xícara como se formasse tentáculos fininhos. Não fossem os eventos infelizes que tinham acometido tanto as irmãs quanto sua querida amiga, aquela teria sido apenas mais uma das inúmeras visitas agradáveis durante as quais elas normalmente fofocavam sobre os acontecimentos nos vários reinos ou trocavam histórias de seus feitos perversos. Não havia nada como trocar histórias com outras bruxas, ainda mais com uma bruxa como Úrsula.

Ela era uma bruxa de verdade, com um passado real e grande poder, mas mais importante: tinha senso de humor. Não havia nada que não achasse divertido, mesmo a respeito de si mesma. Era a bruxa mais descarada que elas conheciam, e provavelmente era por isso que a irmãzinha Circe gostava tanto dela.

*Ah, Circe.*

Sua irmãzinha querida. Será que nunca mais a veriam? Será que ela estava perdida para sempre?

– E se algo terrível aconteceu com ela? – exclamou Ruby.

– Você tem que parar com toda essa preocupação obsessiva com a Circe, de uma vez por todas, Ruby, por favor!

– Sim, acalme-se. Úrsula agora vai contar a história dela.

A voz da bruxa do mar era calma e inexpressiva. Não havia nenhum indício de seu estilo histriônico habitual. Sua voz não ribombava. Era quase pequena, e ela parecia mais séria do que nunca aos olhos das irmãs.

– Meu pai me encontrou flutuando sobre as ondas, agarrada a um pedaço de madeira lascada, o que ele presumiu que era parte dos destroços de um naufrágio terrível. Ele me resgatou do mar e me trouxe para seu vilarejo, e foi lá que eu morei.

*Com meu pai.*

*Ele me chamava de sua bonequinha do mar e me criou como filha. Era isso o que eu era: sua filha. Eu me despedia dele com um aceno todas as manhãs quando ele partia no barco de pesca e rezava aos deuses do mar para que o trouxessem de volta para mim em segurança, o que sempre faziam. Ele era a única pessoa no mundo que realmente me amava. Ele agradecia aos deuses do mar diariamente por terem me trazido para sua vida solitária, e eu os agradecia por terem-no trazido para a minha. Nenhum de nós podia saber da coisa que estava crescendo dentro de mim, o poder que eu tinha, ou a forma que eu, por fim, iria tomar. Se ao menos eu tivesse confiado nele e em seu amor quando comecei a temer a coisa na qual eu estava me transformando...*

As irmãs ouviam atentamente. À espera. À espera de ira e de fúria. Mas Úrsula havia se calado, ao que parecia, perdida nos próprios pensamentos. Memórias, sem dúvida, de seu pai. As bruxas nunca tinham visto Úrsula tão pensativa.

Martha quebrou o silêncio.

– Ele traiu você? Os homens sempre traem, não é? Os pais nunca amam as filhas como deveriam!

Úrsula disparou um olhar gélido para Martha, mas não respondeu.

– Ele sentiu repulsa pela sua forma aquática? Medo do seu poder?

– Ah, eu aposto que ele tentou matar você! Os pais são sempre uma decepção!

– Ah, nós podemos ajudar com pais odiosos!

– Podemos invocar a velha rainha, se você não acredita em nós!

– Se ao menos a Branca de Neve não estivesse com o espelho!

– Ah, nós sabemos uma coisa ou duas sobre pais malvados!

Em meio a lágrimas inesperadas, Úrsula apenas disse:

– Não. – E as irmãs souberam que tinham entendido errado, terrivelmente errado, e lamentaram suas palavras.

Ficaram em silêncio, à espera de que a amiga respondesse, mesmo que já soubessem que não tinha sido o pai, de forma alguma; tinha sido o povo do vilarejo.

– Foram *eles*, não foram? – Ruby murmurou baixinho. – Foram aqueles aldeões miseráveis!

Pflanze estreitou os olhos e mexeu as patinhas. Tinha muito pouco carinho pela maioria dos humanos. Eles sempre acabavam se mostrando desconfiados e cheios de ideias supersticiosas.

– Quando comecei a mostrar sinais de ser diferente do que é humano, fiquei com medo. Eu não tinha ideia do que estava acontecendo comigo. Eu estava com medo de que tivesse ofendido os deuses do mar de alguma forma e que eles tivessem me destinado a sofrer.

– Mas você é uma deusa do mar da mais alta estirpe! – as irmãs disseram em coro.

– Eu não tinha como saber disso naquela época. Eu era apenas uma menina. Todos os dias o apelo do mar ficava mais poderoso, e cada dia era mais difícil desistir do desejo de deixar a costa da terra de meu pai. O vilarejo era cheio de tolos de mente estreita, todos muito dispostos a responsabilizar os deuses por cada pequeno incidente. Todos apontavam o dedo para aqueles que podiam ter atraído a fúria dos deuses. Todos, exceto meu pai, que tinha conseguido se manter discreto, cuidando dos próprios assuntos, até que eu entrei em sua vida.

Pflanze pensou que suas bruxas acabariam chorando ao ver as lágrimas salgadas brotarem nos olhos de Úrsula e percebendo o que devia ter acontecido com o pai dela. Que maneira terrível de saber que ela não era deste mundo.

Inevitável, mas terrível.

– Eu andava até os penhascos, manhã após manhã, depois que meu pai saía de barco. Lá eu procurava respostas no mar, perguntando por que eu me sentia daquele jeito, por que eu me sentia diferente das pessoas ao meu redor e por que eu me sentia impelida a me lançar dos penhascos. Achei que devia estar ficando louca e tive medo de que houvesse algo terrivelmente errado comigo, porque era certo que eu morreria se me jogasse no mar. Causava-me grande terror a ideia de que eu quisesse acabar com a minha

vida de uma maneira tão horrível; porém, de alguma forma, eu sentia que a morte não estava esperando por mim naquelas águas frias e escuras.

*Era algo diferente, algo familiar, embora muito assustador para descobrir. Eu sabia no meu coração que, se eu sucumbisse, o oceano me reclamaria de alguma outra forma, e para mim isso era uma espécie de morte, ficar longe do meu pai, que me amava tanto. Todos os dias eu ficava ali, querendo não pular, pedindo aos deuses do mar que me dessem forças para permanecer em terra. Mesmo assim, em uma manhã de nevoeiro, não consegui mais resistir à vontade e pulei. E o que descobri foi assustador além da imaginação.*

– Foi quando descobriram você? – perguntou Lucinda. Sua maquiagem estava borrada de tanto chorar.

– Foi, eles estavam esperando por mim na costa. Eles me arrastaram para o centro da cidade, onde iam me queimar. Eram pessoas que eu conhecia a minha vida inteira e, mesmo assim, estavam saindo de suas casas e empilhando qualquer coisa que servisse de lenha para a minha pira.

– Como você escapou? – perguntou Ruby.

– Meu pai espantou a maioria das pessoas com seu arpão, ameaçando matá-las se não me libertassem, mas logo havia muitos...

Úrsula ficou em silêncio de novo, claramente presa no pesadelo de seu passado.

– Eles retalharam meu pai enquanto ele tentava chegar até mim. Tentando me colocar de volta na pira. Ele se colocou entre nós e me deu a chance de fugir. Foi o que fiz, para o reino de Tritão.

Lucinda falou:

– Para o reino de Tritão, você diz! Por direito, o reino também é seu! Você é a irmã dele!

Úrsula suspirou.

– Naquela época eu não sabia quem eu era. Tritão não se apresentou para mim até eu destruir Ipswich.

*Ele não é meu irmão. Ele não se importou com o que aqueles humanos asquerosos fizeram com meu pai! Com o que fizeram comigo! Ah, ele me levou para o reino e me apresentou como sua amada irmã, mas não permitiu que eu vivesse entre seu povo em minha verdadeira forma!*

Úrsula se levantou da poltrona, derrubando as almofadas, cerrou o punho e ergueu a voz com raiva.

– Este foi o rosto que se apresentou para minha nova família! E este corpo, somado a um apêndice de sereia! Ele não achava que seu precioso povo poderia suportar ver minha verdadeira forma, então ordenou que eu me escondesse dentro de um corpo de sereia! – ela continuou. – Ele não me queria como uma irmã *do jeito que eu sou!* Ele queria *isto!* – Pflanze compreendia. Tritão tinha *mesmo* roubado a beleza de Úrsula. Ele a fez se esconder em uma versão de sua forma humana e não permitiu que fosse ela mesma. Ela havia sido presa e levada a se sentir repugnante.

Que irmão patético era Tritão, pensou. De fato, que irmão terrível. Lucinda e Martha só ouviam, com medo de dizer alguma coisa fora de lugar, mas Ruby, como sempre fazia, foi de encontro aos desejos de suas irmãs.

– Você é uma bruxa muito poderosa e pode assumir a forma que quiser! O que importa se você escolher outra que não sua forma verdadeira?

– O que importa? – gritou Úrsula, seu corpo agora cada vez mais alto e mais expansivo. – O que importa?

Era muito raro que Úrsula se mostrasse enquanto estava em terra. Era doloroso, tornava a respiração difícil e, na companhia errada, era possível que fosse muito perigoso para seu bem-estar. Mas só por um momento, apenas o menor dos momentos, ela se permitiu ser revelada, como se a raiva dentro dela não pudesse mais ser contida.

– Você está certa! Posso assumir a forma que eu quiser! E é *assim* que eu escolho ser, e não tenho nada do que me envergonhar!

– Claro que não! – Martha apressou-se em dizer. O temor pela fúria de Úrsula era evidente.

– Mas esse não foi o pior dos erros dele, minhas queridas! Lembrem-se, eu fiquei naquela aldeia durante anos e meu irmão nunca foi me procurar! Não foi até depois de o meu pai ter sido morto e de eu voltar para destruir aqueles humanos assassinos nojentos que ele se mostrou para que eu pudesse conhecê-lo! E por quê? Por que vocês acham que ele veio? Não foi porque me amava! Não foi porque ele estava à procura de sua amada irmã caçula desaparecida! Ele me procurou porque não podia tomar o trono de forma legítima sem provar que eu estava morta ou que fosse indigna! Ele abandonou a irmãzinha e não se incomodou em procurar por mim até que isso servisse aos objetivos dele! Eu acho que Tritão usou sua magia para despertar meus poderes de forma que eu me transformasse entre aqueles

que me fariam mal. Ele devia saber que eu estava entre os humanos e como eles reagiriam. Que iriam tentar me matar! Eu ficaria surpresa se isso não fosse o que ele pretendia. Suas ações causaram a morte do meu pai e ele não sentiu nada pela minha perda! Vocês sabem o que Tritão sente com relação aos humanos. Ele não teria se incomodado em me condenar pelo que eu fiz em Ipswich, se os humanos não tivessem sido transformados e enviados para macular o seu reino; para manchar seu reino precioso com híbridos humanos impuros!

*Vocês já devem ter ouvido as histórias que eu conheci quando estava na corte! Histórias da ira que Tritão derramava sobre os humanos que ofendiam o mar eram lendárias! Por que, então, minhas ações seriam tão ofensivas para ele, vocês pensam, se não para me colocar como algum tipo de maluca, algum tipo de criatura má, vil e assassina, indigna de compartilhar o trono? Quando as coisas estavam no pior estágio entre nós, quando ele ainda fingia me querer ao seu lado, ele chegou a dizer que meu pai merecia o destino que teve, pelos incontáveis assassinatos que cometeu enquanto pescador e por não temer os deuses.*

– Mereceu ser retalhado por aqueles humanos horríveis? Seu pai estava protegendo você!

– Tritão me jogou à margem porque temia o meu poder! – disse Úrsula. – Ele falou que estava chocado com o que fiz com Ipswich, mas eu acho, de verdade, que ele tinha medo de que eu fizesse o mesmo no reino dele e o tomasse à força!

Ela continuou, cada vez mais furiosa:

– Acho que ele jamais teve a intenção de me aceitar como sua irmã, e eu não sabia por que ele insistiu que eu voltasse para o reino como tal. Brigamos sem parar, e as nossas discussões tornaram-se dignas de fábulas que apenas os mais corajosos dos súditos dele contariam. Vocês sabem que ele proibiu qualquer menção a mim na corte? A mais jovem de suas filhas nem sequer sabe que eu existo, e para a mais velha foi dito que as lembranças que ela tinha de mim eram um pesadelo. *Ele me levou até lá simplesmente para provar que eu era indigna de compartilhar o trono.*

– Vocês poderiam ter governado juntos! – disse Lucinda, sentindo a tristeza de Úrsula pela perda do pai e, possivelmente, pela perda do irmão também.

– E agora, em vez disso, eu devo tomar o reino dele, o *meu reino*, pela força e destruir qualquer um que se coloque no meu caminho! Ele poderia ter sido o meu irmão, a minha família, mas esse tempo já passou! Que ele seja condenado ao Hades pelo que fez. Que seja condenado ao nada!

E ali estava.

O ódio.

O ódio pelas criaturas humanas imundas que assassinaram o pai de Úrsula e por seu irmão, que a tinha tratado como algo insignificante. Ódio pelo irmão que a fez se sentir uma criatura repulsiva a ponto de ser trancafiada e nunca mais vista.

As irmãs consideravam que o ódio era um dom precioso, porque isso era o que ele era. Era exatamente o que lhes daria o poder para trazer a irmã Circe de volta. Agora só precisavam encontrar uma forma de matar Tritão. Úrsula sorriu outro de seus sorrisos perversos. Era daqueles que faziam a gente ter certeza de que ela estava conjurando um plano. E ela, de fato, tinha um plano...

– Vamos arruinar a filha dele. – A bruxa do mar deu risada.

Lucinda inclinou a cabeça para a direita.

– Que filha? São tantas!

– A mais nova, minhas preciosas criaturas! Não é divino?

Ruby se remexeu com deleite e esfregou as mãos uma na outra.

– A princesa Ariel?

– Sim, minhas queridas! Em verdade, ela deixou isso muito fácil para nós.

– Ah, é? – perguntou Martha, enquanto lançava um olhar pela sala, procurando Pflanze, que devia ter saído de fininho de perto das bruxas sem que elas notassem.

– Sim, minhas queridas! É delicioso! Ela se apaixonou por um humano. – E com isso as bruxas riram, encantadas com o próprio ódio e com o plano. Dessa vez, no entanto, elas garantiriam que suas vozes não viajassem para os reinos além, como era costume.

Esse era um tipo sombrio e secreto de magia, e elas não poderiam se dar ao luxo de nenhum tipo de interferência, nem mesmo de uma bruxa bem-intencionada que quisesse emprestar sua mágica para aquela mistura. Não, era importante demais, pois o ódio que tinham era puro. Sua certeza de fazer justiça era impoluta pela dúvida.

– Vamos arruinar Ariel; a filha vai pagar pelos pecados do pai. E, então... e então vamos matar Tritão! E, quando fizermos isso, vamos *dançar!*

– Sim, dançar! Vamos dançar sobre o túmulo do seu irmão tirano!

As três irmãs giraram em círculos, dançando em volta de Úrsula, que tinha se transformado e assumido, em todo o seu esplendor, sua verdadeira forma, com tentáculos crescendo e se curvando em torno das irmãs esquisitas, enquanto elas batiam os pés no chão, com suas botinhas pretas, cantando canções sobre a morte de Tritão, tudo ao som do riso de Úrsula, que sacudia as xícaras de chá e as garrafas de poções na pequena casa onde as bruxas tramavam a ruína da filha mais nova de Tritão.

Ariel.

## CAPÍTULO V

### A VISITANTE

O castelo Morningstar se elevava muito alto sobre as falésias rochosas, vigiando o oceano como um farol brilhante em meio à neblina. O castelo era, na verdade, construído sobre as ruínas de um farol ciclópico. Era remanescente dos dias em que os gigantes tinham governado aquelas terras após sua grande batalha contra os Senhores da Árvore.

Dentro do antiquíssimo farol havia uma lente magnífica, feita por um anão astuto chamado Fresnel. A lente se assemelhava a um cristal gigante e projetava uma luz brilhante que guiava os navios a uma distância segura dos paredões rochosos. O intuito da construção do castelo incluía não diferir do antigo farol original; tinha janelas gloriosamente recortadas, de forma que as luzes ali dentro também funcionassem como faróis.

No entanto, para ver o castelo Morningstar devidamente – para experimentar de verdade sua beleza –, era preciso vê-lo no solstício, à distância, durante a travessia pelo mar. Marinheiros e pescadores desviavam do seu caminho, às vezes por enormes distâncias, apenas para ver o castelo referido pela maioria deles como o Farol dos Deuses. O clã Morningstar era uma família muito respeitada, sempre disposta a ajudar os necessitados e, é claro, seus membros eram grandes amigos dos que navegavam pelos mares perigosos, muitas vezes fornecendo ajuda para os que eram levados às suas margens devido a naufrágios ou que tinham se perdido em meio a longas jornadas. De fato, era uma das poucas famílias reais sem inimigos e que realmente se dava bem com os outros reinos. Mas seus aliados mais próximos eram os reinos submarinos, pois o clã dependia dos deuses do mar para seu bem-estar.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Úrsula"  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).